

ALI KAMEL
JORNALISTA, AUTOR DO LIVRO "SOBRE O ISLÃ: A AFINIDADE ENTRE MUÇULMANOS, JUDEUS E CRISTÃOS E AS ORIGENS DO TERRORISMO"

"Guerra não foi capricho de Bush"

Em livro lançado recentemente, diretor executivo da Central Globo de Jornalismo esclarece mal-entendidos sobre o Islã e defende a invasão do Iraque, mas ressalta que, depois, presidente americano fez "tudo errado"

Texto **CAROL RODRIGUES** / Foto **DIVULGAÇÃO**

Diretor de Jornalismo da TV Globo e filho de um sírio muçulmano, Ali Kamel - que não segue a crença - se viu impedido a esclarecer os mal-entendidos que cercam a religião e ganharam força após o 11 de Setembro de 2001. Ele acaba de lançar "Sobre o Islã: A afinidade entre muçulmanos, judeus e cristãos a as origens do terrorismo", em que, em tom didático, busca deixar de lado os exotismos da religião criada por Maomé para aproximá-la das outras duas crenças monoteístas. E tenta esclarecer, de uma vez por todas, que o terrorismo - cujos seguidores ele denomina totalitários - é um mal que não pode definir a religião. Mas, além de ensinar, o livro também traz opiniões do autor, que se estendeu à Guerra no Iraque e não teve medo de causar polêmica ao defender a invasão americana no país. Nesta entrevista, ele também fala de outro tema controverso: a questão racial no Brasil, que foi tema de seu livro anterior, "Não somos racistas".

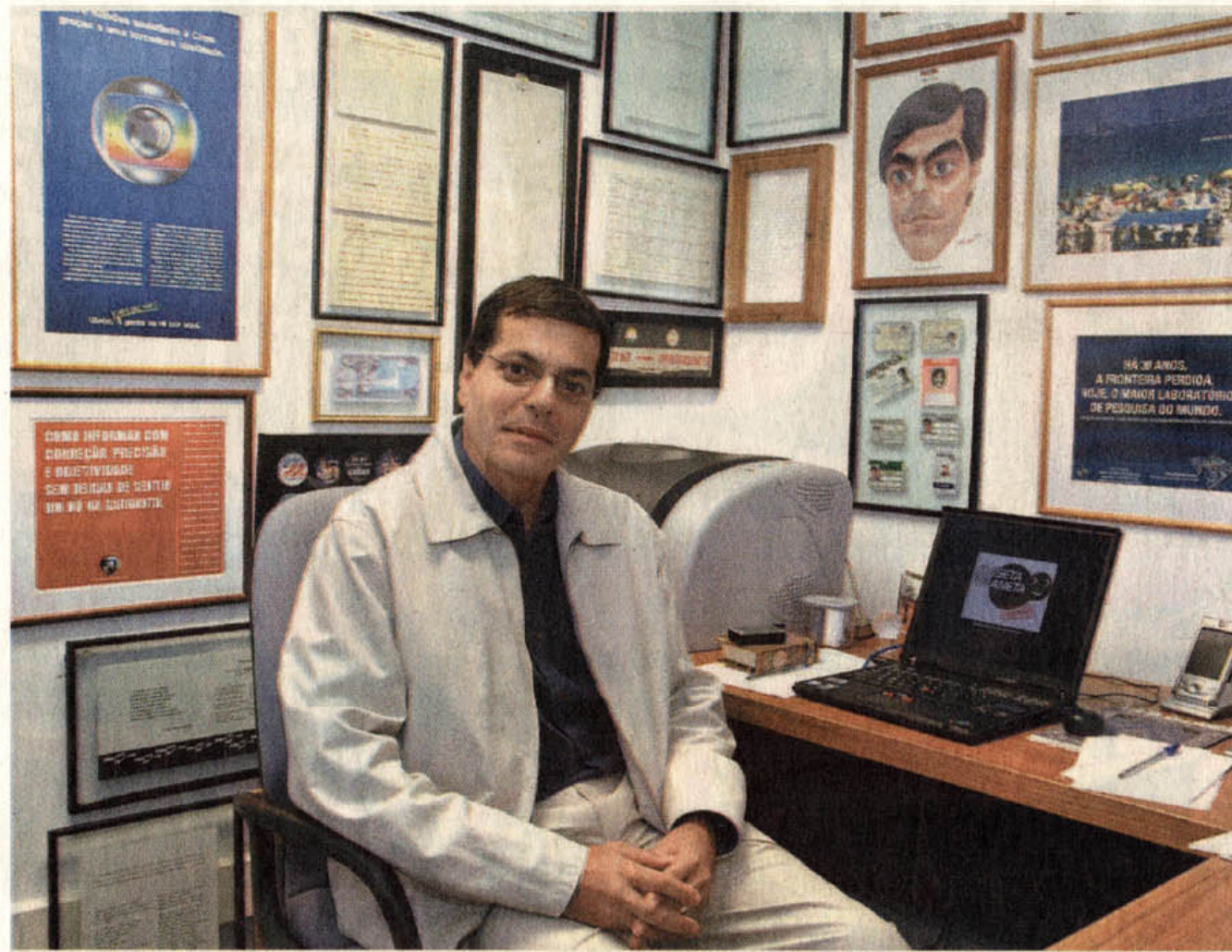
Você defende o uso do termo totalitário no lugar de fundamentalista para definir os radicais islâmicos que apelam para o terror. O que eles almejam tem mais um fim político do que um fim religioso?
Eu os chamo de totalitários

É o totalitarismo que os define: eles têm uma verdade e querem impô-la a todos nós, pela força. Se eles tivessem a sua verdade e vivessem de acordo com ela, mas sem nos importunar, talvez fossem apenas fanáticos, fundamentalistas

porque é o totalitarismo que os define: eles têm uma verdade e querem impô-la a todos nós, pela força. Se eles tivessem a sua verdade e vivessem de acordo com ela, mas sem nos importunar, talvez fossem apenas fanáticos, fundamentalistas. Há muitos assim, em todas as religiões. Mas quando se tenta impor uma verdade a outros, isso é totalitarismo. Quando um grupo assume um governo e impõe pela força a sua visão de mundo, isso é totalitarismo. Não importa que o objetivo último seja religioso, e é. Eles tem uma visão religiosa do mundo. Mas quem impor essa visão a todos nós, através da força. Isso é política. Isso é totalitarismo.

A linguagem da violência - o que pode ser compreendido como metáfora - é algo que está na base das três religiões, como você ressalta em seu livro. E você defende que o Islã hoje é julgado como violento por conta de uma parte e não pelo todo. Por que essa leitura literal da violência impressiona mais quando se refere ao Alcorão?
O que eu digo no livro é que alguns, como o historiador britânico Paul Johnson, chegaram a dizer que o Islã é violento por natureza, dando como exemplo versículos que mandam, literalmente, matar politeístas. Acontece que no Antigo Testamento cristão, cujo Pentateuco é a Torá dos judeus, há versículos absolutamente semelhantes, em que Deus manda matar crianças, mulheres, homens e todos os seres vivos em todas as cidades conquistadas na Terra Prometida. E ninguém diz que

Quem é o autor



PERFIL. Ali Kamel é diretor executivo da Central Globo de Jornalismo. É formado em Ciências Sociais pela UFRJ e em Jornalismo pela PUC-RJ.

Brasileiro, ele é filho de um sírio muçulmano e de uma baiana católica e é casado com uma judia.

FOTO: DIVULGAÇÃO

por causa desses versículos o Judaísmo e o Cristianismo têm uma natureza violenta. Isso seria uma sandice. Nos três casos, explico no livro, aqueles versículos se referem a contextos específicos. Não são mandamentos para todo o sempre. Vê-los assim seria absurdo. Portanto, neste aspecto, o Alcorão não se diferencia em nada dos outros livros sagrados. **Das três religiões na qual o livro se baseia, existe uma mais disposta ao diálogo com as demais?**
Eu não sei. Todas as religiões se acreditam donas de uma verdade, e é isso o que as define. Não há nada de mal nisso. Não fosse a crença de que se tem uma verdade, não existiria religião. O que não pode é uma religião querer impor a sua verdade à outra. Isso não pode. E, no momento histórico em que nós vivemos, nenhuma das três quer, com exceção dos terroristas islâmicos, que deformam o Islã. **Você faz referência no livro à frase de Manuel II Paleologus - "Mostre-me o que Maomé**

trouxe de novo e encontraremos apenas coisas más e desumanas, como a ordem de espalhar pela espada a fé que ele pregava" - que, citada por Bento XVI, causou polêmica no mundo islâmico no ano passado. Como o líder dos católicos, essa frase foi apropriada?
Eu me sinto muito pequeno para dizer se o papa agiu bem ou mal. Eu compreendi a frase. Não vi motivos para que os muçulmanos se revoltassem. Dentro do contexto em que foi dita, a frase fazia sentido. **Outra polêmica recente envolvendo o mundo islâmico foram as charges dinamarquesas sobre Maomé. Foi realmente uma ofensa à religião?**
O Islã sunita proíbe imagens de santos e profetas, com base no princípio bíblico de que Deus proibiu a adoração de ídolos. Isso é uma coisa. Mas dá a proibir que um ocidental não muçulmano faça charges vai uma distância enorme. Acho excesso de sensibilidade. Sou contra. O mundo é livre. **Uma curiosidade: existe hu-**

mor no mundo islâmico?
Claro que existe. Há grandes humoristas, muito engraçados. O Egito produz comédias ótimas. Ocorre que o Islã é como aquela história da neve para os esquimós: a gente vê apenas um branco para a neve; os esquimós vêem mil tons. Da mesma forma, os ocidentais olham para o Islã e vêem apenas um Islã, mas o Islã é multifacetado, há mil nuances. **No livro, você defende a Guerra no Iraque a partir do pressuposto de que o país, mesmo não possuindo armas de destruição em massa e não tendo participado do 11 de Setembro (o que só foi comprovado depois), certamente seria o destino dos terroristas, que lá ganhariam mais força. O governo americano tinha mesmo essa noção que você defende? Bush não era tão atrapalhado quanto parecia, ele enxergava além daquilo que era dito como justificativa para a guerra?**
Eu não digo que o Iraque seria certamente o destino dos terroristas. O que eu digo é que

poderia ser. Isso era uma ameaça intolerável. Eu mostro que esse temor estava presente desde a era Clinton. A decisão de invadir o Iraque era defensável. É uma frase antipática, diante do caos em que o país se encontra. Mas numa entrevista como esta é impossível eu explicar a minha tese. O leitor terá de ler o livro para descobrir que, se mergulhar nos vários relatórios que foram divulgados sobre o assunto, verá que a minha frase não é tão absurda. Bush fez tudo de errado depois da guerra e eu explico também por que no livro. Acho que ele fez um monte de bobagens. Mas a invasão do Iraque não foi um capricho pessoal. **Agora vamos falar de Brasil: Em "Não Somos Racistas", você defende que no Brasil não é possível se adotar uma política afirmativa como nos EUA porque nossos problemas são sociais e não raciais. A cor da pele não é de forma alguma um empecilho social no Brasil?**

Nossas leis, desde a Abolição, não segregam ninguém por cor. Nossa composição étnica mostra também que somos uma mistura. Alguns estudiosos somam negros e pardos e chamam o grupo inteiro de negros. Só assim o Brasil pode, orgulhoso, dizer que é a segunda maior nação negra do mundo depois da Nigéria. Mas eu teria mais orgulho de dizer que o Brasil é a maior nação miscigenada do mundo. Porque isso mostra o nosso caráter: aqui as pessoas se misturam, convivem. Hoje, os EUA são uma democracia racial, depois da luta gloriosa dos negros pelos direitos civis. Por que democracia racial? Porque negros e brancos vivem com os mesmos direitos, mas sem se misturar. **Como seria no Brasil?**
O que quero para o Brasil é que ele seja uma democracia racial em outro sentido: negros e brancos não somente com os mesmos direitos mas se misturando, sendo uma geléia geral. Mas no livro eu admito que, claro, existem racistas aqui, e talvez em número grande. E o racismo tem de ser combatido a ferro e fogo. O que não acho inteligente é combater o racismo aprofundando a noção de raça. Se os negros (pardos mais negros) são a maioria da pobreza, isso é fato. Mas existem 34% de brancos igualmente

O que eu procuro mostrar no livro é que a decisão de invadir o Iraque era defensável. É uma frase antipática, diante do caos em que o país se encontra

pobres, uma legião de 20 milhões de pessoas. **A Universidade Federal do Espírito Santo acabou de aprovar um sistema de cotas em que 40% das vagas serão destinadas a estudantes de escolas públicas. Os estudantes das particulares chamam. Você é favorável a esse sistema? Por que é tão difícil achar um meio-termo que favoreça a todos?**
Porque falta sensatez. Acho indecente que o Estado dê cotas para alunos de escolas públicas, admitindo que as escolas públicas são as piores e que, por isso, seus alunos merecem cotas. Isso é indecente. É uma admissão cínica de fracasso. O justo são cotas de acordo com a renda, não importando em que tipo de escola o aluno frequente, se particular ou pública. Há o risco de um aluno rico se matricular também numa escola pública apenas para ter direito a cota. Algo parecido aconteceu no Texas. Se é para ter cota, tem de ser cota por renda.

PEQUENO GLOSSÁRIO DO ISLÃ



■ **Alcorão.** O livro sagrado do Islã, com as revelações de Deus ao profeta Maomé.

■ **Alá.** Palavra que significa "Deus" em árabe (não é o nome de um deus diferente dos outros)

■ **Haj.** A peregrinação anual a Meca, um dos cinco pilares do Islã. O muçulmano saudável e com condições financeiras deve fazer o haj pelo menos uma vez na vida.



■ **Hégira.** A migração de Maomé e seus seguidores de Meca para Medina, para escapar da perseguição às suas crenças. A migração inaugura o islamismo e marca o início de seu calendário.

■ **Hijab.** Traje típico islâmico usado pelas mulheres para "proteger sua modéstia", como manda o Alcorão. Seu tamanho varia de acordo com as tradições regionais

■ **Caaba.** Construção rochosa localizada no centro da grande mesquita de Meca e ponto focal das orações muçulmanas. Teria sido erguida por Abraão.

■ **Jihad.** A luta e o esforço de um seguidor da religião para viver a fé islâmica da melhor forma possível e defender o Islã, mesmo que isso signifique o uso da força

■ **Meca.** Cidade sagrada onde Maomé nasceu e para onde retornou depois de fundar a religião.

■ **Medina.** A segunda cidade sagrada do islamismo, para onde Maomé fugiu quando foi perseguido

■ **Mesquita.** Local onde os muçulmanos fazem suas orações em conjunto

■ **Ramadã.** Mês sagrado dos muçulmanos



■ **Sharia.** Conjunto de leis islâmicas, tratando de costumes e da vida em sociedade

■ **Sunita.** O principal tronco da religião, concentrando 90% dos muçulmanos

■ **Xiita.** O segundo maior grupo dentro da religião, concentrando 10% dos muçulmanos



Leia

■ "Sobre o Islã: A afinidade entre muçulmanos, judeus e cristãos e as origens do terrorismo", de Ali Kamel. Editora: Nova Fronteira. 320 páginas. Preço médio: R\$ 30.